



LITERACIA3Di

Leitura Matemática Ciência Inglês

Prova Literacia de Leitura – fase 2

Lê o texto:

Lápis

nome masculino de 2 números

1. objeto cilíndrico ou prismático, de madeira, que envolve uma haste fina de grafite ou outro material apropriado e que serve para escrever ou desenhar
2. objeto com que se escreve ou risca



lápis in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-02-19 12:03:43]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/lapis>

A grafite



A grafite

A grafite é um mineral não metálico, derivado do carbono, opaco, de cor prateada escura. Na medida em que se parece com o chumbo, é também conhecido vulgarmente como chumbo preto.



Usos da grafite

O nome de grafite foi atribuído em 1789 pelo químico e geólogo alemão Abraham G. Werner e vem de uma palavra grega que significa «escrever». O nome revela-nos, portanto, que a grafite já era então usada para fazer lápis.



Grafite e diamante

Embora o diamante seja, tal como a grafite, um derivado do carbono, não tem muito em comum com ela. Cada um tem propriedades específicas e contrastantes. Por exemplo, o diamante é o mineral mais duro e a grafite um dos mais macios, o diamante é transparente e a grafite é opaca. Além disso, o diamante é frequentemente usado como abrasivo e a grafite como um bom lubrificante. Finalmente, a grafite é um excelente condutor de eletricidade, enquanto o diamante é um bom isolante.

Curiosidades



As Primeiras Minas de Grafite

Se a história é verdadeira, foi no início do século XVI que uns pastores da Cúmbria, uma região do norte de Inglaterra, se depararam com um jazigo de grafite, que erroneamente acreditaram ser chumbo virgem, tal era a semelhança das cores entre os materiais. A substância «que parecia chumbo» provou ser muito melhor para escrever e para desenhar do que o duro chumbo metálico, bem como mais prática do que a pena e a tinta. Só no século XVIII, em 1789, o químico Carl Wilhelm Scheele provou ser a grafite um derivado do carbono e não do chumbo.



Os primeiros lápis

Originalmente, as hastes de grafite eram revestidas com couro, com papel ou com cordão. Mais tarde, surgiu, entre os italianos, a ideia de usar lápis formados por peças de grafite envoltas em madeira. Os primeiros lápis foram feitos artesanalmente. Um entalhador de móveis cortava a madeira e esculpia um talho para servir de apoio à grafite. Os utilizadores de lápis eram principalmente carpinteiros e artistas. Atualmente, os lápis são trabalhados a partir de tábuas de sarrafo. Cada par de tábuas produz até dez lápis convencionais.



O lápis mais antigo do mundo



Este objeto incomum foi encontrado no meio do entulho de uma casa do século XVII que estava a ser reconstruída. Provavelmente, um carpinteiro esqueceu-se dele nesse local e aí permaneceu, despercebido, durante três séculos. Esse lápis é constituído por dois pedaços de madeira de tília e um pedaço de grafite puro colocado entre eles e apresenta sinais de uso que confirmam a sua interessantíssima idade. Esse lápis encontra-se no espólio de um conhecido fabricante de lápis.

História do lápis

Entre todos os instrumentos de escrita, o lápis é sem dúvida o mais universal, versátil e económico, produzido aos milhões todos os anos, mesmo na era da Internet.

É com o lápis que as crianças de todo o mundo aprendem a escrever. É indispensável para todos os tipos de anotações, traçados e rascunhos — sobretudo para tudo o que possa ser escrito ou desenhado à mão. O lápis é um produto de longa durabilidade, exige poucos cuidados, não é afetado por variações climáticas e escreve até debaixo de água ou no espaço. Que outro instrumento de escrita pode gabar-se de ser tão versátil?

A história do lápis confunde-se com a evolução da humanidade. Por isso, a sua autoria é desconhecida até hoje. Tem-se, apenas, conhecimento de alguns marcos históricos, como:

				
70 d.C.	1565	1644	1644	1795
Plínio, o Velho, menciona pequenos discos de chumbo, observando que não eram usados para escrever ou desenhar, mas apenas direcionar o traçado das linhas.	O primeiro registo do uso de grafite, colocada entre dois pedaços de madeira, é localizado na Grã-Bretanha.	Primeiro registo do uso do lápis na Alemanha, por um oficial da artilharia.	A profissão de fabricante de lápis é citada, pela primeira vez, num documento oficial, num contrato de casamento na cidade de Nuremberga.	O artista francês Conté descobriu que a grafite poderia ser misturada com barro para produzir lápis com diferentes graus de dureza.

<https://uwaterloo.ca/earth-sciences-museum/resources/detailed-rocks-and-minerals-articles/graphite> (consultado, traduzido e adaptado em 7/02/2019).

<http://www.faber-castell.com.br/Curiosidades/> (consultado, traduzido e adaptado em 7/02/2019).

1. Preenche os espaços selecionando a opção correta.

A existência do lápis, tal como hoje o conhecemos, é referida pela primeira vez _____. De acordo com a História do lápis, este objeto é caracterizado por ser comum, barato e muito _____ e a sua durabilidade _____. Para além da utilização na escrita caligráfica, o lápis é preferencialmente usado _____. O reconhecimento oficial da profissão de produtor de lápis em 1659 significa que _____.

Opções:

Espaço 1 – em 1644, no ano 70 d.C., em 1565

Espaço 2 – habitual, adaptável, vulgar

Espaço 3 – provém da mistura de grafite com barro, é prejudicada pelas condições do clima, é imune à altitude e à profundidade

Espaço 4 – no traçado de esboços, nas pesquisas na Internet, na pesca subaquática

Espaço 5 – o lápis era já então muito utilizado, a produção de lápis estava a começar, o produtor de lápis era uma pessoa importante

2. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações.

- O lápis mais antigo constituído por grafite e madeira foi encontrado numa casa do século XVII.
- Os primeiros lápis de que há registo foram executados com grafite e madeira.
- A grafite é também conhecida como chumbo preto porque é derivada do chumbo.
- Embora sejam ambos compostos de carbono, a grafite e o diamante apresentam características de dureza muito diferentes.
- O cientista que descobriu a composição da grafite foi o alemão Abraham G. Werner.
- A constituição do lápis como o conhecemos, grafite revestida a madeira, deve-se aos italianos.
- Ao contrário da grafite, o diamante possui excelentes qualidades como condutor de eletricidade.

Lê o texto:

A Arte da Caligrafia: Regresso ao Passado?



É difícil encontrar as origens exatas do fenómeno em que se tornou a arte da caligrafia, mas nos últimos anos tem crescido em popularidade. Os *kits*¹ de caligrafia já são um presente muito procurado e há até várias páginas de blogs e outras redes dedicadas à caligrafia.

Mas o que é este fenómeno, por que razão é tão popular e... onde se pode aprender?

O que é esta tendência?

A palavra caligrafia deriva do grego *kalli-* (bonito) + *grafia* (escrita), podendo dizer-se que significa «escrita bela». As definições contemporâneas da palavra referem tratar-se da «arte de dar forma aos sinais de uma maneira expressiva, harmoniosa e habilidosa», considerando-se agora uma arte visual.

Na verdade, desde tempos idos, a caligrafia sempre foi considerada uma arte, mas, em vez de utilizada maioritariamente para decoração, era usada de forma prática por escribas². Hoje em dia, pode ser mais importante a expressão abstrata do que exatamente a legibilidade das letras, ao contrário do que acontecia no passado.

A popularidade da caligrafia atribui-se a variadíssimos fatores, além da componente estética e decorativa. Há quem considere esta arte uma forma de relaxamento, já que requer atenção, cuidado e paciência. Outros apontam-na como uma maneira mais acessível e menos rígida de expressar a criatividade. Mas não falta quem sinta saudades de retomar costumes «analógicos», como «colocar a caneta no papel», em detrimento das novas tecnologias.



Dia da escrita à mão

O Dia da Escrita à Mão, celebrado a 23 de janeiro, teve origem nos Estados Unidos da América e foi estabelecido em 1977 pela Associação de Produtores de Instrumentos de Escrita (*Writing Instrument Manufacturers Association*). Os motivos por detrás da criação desse dia eram, claramente, comerciais, nomeadamente a promoção do consumo de canetas, lápis e papel de escrever. A data escolhida, 23 de janeiro, não foi aleatória: é o dia de aniversário de John Hancock, a primeira pessoa a assinar a Declaração de Independência dos Estados Unidos.

Nos últimos anos, o dia tem sido utilizado para reavivar o costume de escrever à mão com pequenos gestos como enviar um postal, escrever uma nota (ou carta de amor) para alguém ou manter um diário – de forma completamente analógica. Assim, a 23 de janeiro, as pessoas são incentivadas a deixar os teclados por 24 horas, a pegar em canetas e a escrever.

Factos curiosos sobre a escrita à mão

- ▶ Cada pessoa tem uma forma de escrever única, sendo possível identificar alguém pela forma de escrever, analisando o peso e força que aplica na caneta, a forma como desenha as letras, e até pormenores como os pontos dos «i» ou dos «j».
- ▶ A linguística forense consiste na aplicação de métodos e conceitos científicos em contextos de investigação policial, incluindo a análise de textos manuscritos ou perícia de escrita manual.
- ▶ Grafologia é o nome dado a uma pseudociência que relaciona a escrita com a personalidade. Segundo a grafologia, a forma como escrevemos pode revelar traços de personalidade como extroversão, timidez ou autoestima.
- ▶ Disgrafia é a dificuldade ou deficiência na escrita manual, seja em termos de caligrafia ou de coerência.

Oficinas e cursos de caligrafia em Portugal

E, já que está na moda, porque não experimentar a arte da caligrafia? Em Portugal, a tendência já chegou, com várias oficinas a acontecer regularmente, e não só por ocasião do Dia da Escrita à Mão. A Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa disponibiliza um curso de caligrafia de 43 horas, em data ainda a definir. Se gosta da caligrafia oriental, o Museu do Oriente oferece uma oficina mensalmente. Se prefere aprender ao seu ritmo, há imensos livros, e até vídeos e tutoriais, que se debruçam sobre esta arte.

<https://www.natgeo.pt/historia/2019/01/arte-da-caligrafia-regresso-ao-passado> (consultado e adaptado em 28 de janeiro de 2019).

Vocabulário:

¹kit – conjunto de artigos.

²escriba – escrivão, copista.

3. Seleciona a opção correta. Relativamente à caligrafia, no primeiro parágrafo do texto, o autor

- (A) indica que a sua popularidade se tem mantido estável ao longo do tempo.
- (B) identifica o facto que esteve na origem da sua crescente popularidade.
- (C) explica que a caligrafia é cada vez mais popular por se tratar de uma arte.
- (D) apresenta exemplos que provam que a caligrafia é cada vez mais popular.

4. Seleciona a opção correta. «Mas o que é este fenómeno, por que razão é tão popular e... onde se pode aprender?» Para responder a cada uma destas três questões o autor utiliza

- (A) a secção «O que é esta tendência?», para responder à primeira, a secção «Dia da escrita à mão», para responder à segunda, e a secção «Oficinas e cursos de caligrafia em Portugal», para responder à terceira.
- (B) a secção «O que é esta tendência?», para responder à primeira, e a secção «Factos curiosos sobre a escrita à mão», para responder à segunda e à terceira.
- (C) a secção «O que é esta tendência?», para responder à primeira e à segunda, e a secção «Oficinas e cursos de caligrafia em Portugal», para responder à terceira.
- (D) a secção «O que é esta tendência?», para responder à primeira, a secção «Dia da escrita à mão», para responder à segunda, e a secção «Factos curiosos sobre a escrita à mão», para responder à terceira.

5. Selecciona a opção correta. A expressão «Na verdade» (4.º parágrafo) poderia ser substituída por

- (A) «Portanto»
- (B) «Além disso»
- (C) «Consequentemente»
- (D) «No entanto»

6. Selecciona a opção correta. Da comparação entre a utilização da caligrafia no passado e no presente, é possível concluir

- (A) que a expressão abstrata perdeu muita importância no presente.
- (B) que a legibilidade das letras era mais importante no passado.
- (C) que, no passado, a caligrafia tinha uma finalidade mais decorativa.
- (D) que, no presente, a caligrafia é utilizada sobretudo de forma prática.

7. Selecciona a opção correta. A expressão «em detrimento das novas tecnologias» (5.º parágrafo) é utilizada para transmitir a ideia de que, para muitas pessoas,

- (A) as novas tecnologias deveriam ser mais divulgadas.
- (B) a escrita à mão se tornou algo muito antiquado.
- (C) as novas tecnologias são uma ferramenta muito útil.
- (D) a escrita à mão é um costume que deveria ser retomado.

8. Selecciona a opção correta. Na origem da criação do Dia da Escrita à Mão esteve a vontade de

- (A) celebrar a Declaração de Independência dos Estados Unidos.
- (B) festejar o aniversário de John Hancock.
- (C) reavivar o costume de escrever à mão.
- (D) promover a comercialização de material de escrita.

9. Selecciona a opção correta. De acordo com os «Factos curiosos sobre a escrita à mão»,

- (A) a grafologia relaciona a escrita de uma pessoa com as suas características físicas.
- (B) a forma como colocamos os pontos dos «i» ou dos «j» pode ser um sinal de disgrafia.
- (C) a análise de textos escritos à mão pode contribuir para ajudar a desvendar um crime.
- (D) a força que se aplica na caneta ao escrever é reveladora de traços de personalidade.

10. Selecciona a opção correta. Para quem pretende experimentar a arte da caligrafia em Portugal, no texto, refere-se que

- (A) o Museu do Oriente disponibiliza uma oficina sobre caligrafia oriental.
- (B) a Universidade de Lisboa oferece um curso de 43 horas em fevereiro.
- (C) é preciso esperar pela celebração do Dia da Escrita à Mão.
- (D) é difícil encontrar materiais que permitam aprender sozinho.

Lê o texto:

Porquê escrever?



Tinha oito anos. Naquela altura, não havia nada mais importante para mim do que o baseball¹. A minha equipa era os New York Giants e seguia os feitos daqueles homens de bonés preto e laranja com a devoção de um autêntico fiel. Ainda hoje, recordando aquela equipa que já não existe, que jogava num estádio que já não existe, recupero os nomes de quase todo o alinhamento. Alin Dark, Whitey Lockman, Don Mueller, Johnny Antonelli, Monte Irvin, Hoyt Wilhem. Mas não havia maior, não havia mais perfeito, nem mais merecedor de adoração do que o Willie Mays, o incandescente Say-Hey Kid.

Levaram-me, naquela primavera, ao meu primeiro jogo da primeira divisão. Uns amigos dos meus pais tinham bilhetes de camarote nos Polo Grounds² e,

numa noite de abril, fomos em grupo ver jogar os Giants contra os Milwaukee Braves.

Não sei quem é que ganhou, não me lembro absolutamente nada do jogo, mas lembro-me que, depois de o jogo acabar, os meus pais ficaram a conversar com os amigos deles, até todos os espetadores se terem ido embora. Ficámos até tão tarde que tivemos de atravessar o campo e sair pela porta do meio, que era a única que ainda estava aberta. Essa saída ficava mesmo por baixo dos balneários dos jogadores.

Ao aproximar-me da parede, avistei o Willie Mays. Não havia dúvida que era ele. Era mesmo o Willie Mays, já sem o equipamento, vestido com roupa normal, ali nem a três metros de mim. Consegui manter as pernas a andar na sua direção e depois, reunindo toda a minha coragem, obriguei as palavras a sair: «Senhor Mays,» – disse eu – «podia dar-me um autógrafo, por favor?».

Ele devia ter vinte e quatro anos feitos, mas não consegui tratá-lo pelo primeiro nome.

A reação dele à minha pergunta foi brusca, mas cordial. «Claro, miúdo» disse ele. «Tens um lápis?». Ele tinha tanta vida, lembro-me, estava tão cheio de energia da juventude, que não parava quieto e continuava aos saltinhos enquanto falava.

Eu não trazia um lápis, e pedi ao meu pai que me emprestasse um. Mas ele também não tinha. Nem a minha mãe. Nem, como depois se viu, nenhum dos adultos.

O grande Willie Mays ficou ali a olhar-nos em silêncio. Quando se tornou claro que nenhum do grupo tinha com que escrever, virou-se para mim e encolheu os ombros. «É pena, miúdo» disse ele, «não tens lápis, não posso dar autógrafo.» E saiu do estádio, para a noite.

Não queria chorar, mas as lágrimas começaram a correr-me pela cara abaixo e não conseguia pará-las. Pior ainda, no carro chorei no caminho todo até casa. Sim, estava esmagado pela deceção, mas também me revoltava contra mim próprio por

não conseguir conter as lágrimas. Já não era um bebé. Tinha oito anos e os miúdos crescidos não deviam chorar por coisas destas. Não só não tinha um autógrafo do Willie Mays, como não tinha mais nada. A vida pusera-me à prova e eu não estivera à altura.

Depois dessa noite, comecei a levar sempre um lápis, para onde quer que fosse. Tornou-se um hábito nunca sair de casa sem ter um lápis no bolso. Não é que eu tivesse quaisquer planos especiais para aquele lápis, mas não queria ser apanhado desprevenido. Tinham-me apanhado uma vez de mãos vazias, e eu não queria deixar isso voltar a acontecer.

Se não aprendi mais nada, os anos ensinaram-me ao menos isto: se há um lápis no bolso, há boas hipóteses de que um dia nos venha a tentação de o usarmos. Como gosto de dizer aos meus filhos, foi assim que me tornei escritor.

Paul Auster, «Porquê escrever?», *Ficções – Revista de Contos*, n.º 1, Lisboa, Caminho, abril de 2000.

Vocabulário:

¹basebol – jogo muito divulgado nos Estados Unidos e disputado entre duas equipas de nove jogadores.

²Polo Grounds – antigo local de um estádio de basebol, em Nova Iorque.

11. Seleciona a opção correta. Sabemos que o basebol era muito importante para o narrador porque

- (A) aos oito anos já tinha assistido a muitos jogos de basebol.
- (B) desejava muito ter um autógrafo do jogador Willie Mays.
- (C) anos mais tarde ainda sabia quem alinhava na sua equipa.
- (D) a sua equipa preferida de basebol era o New York Giants.

12. Seleciona a opção correta. O que foi determinante para o encontro entre o narrador e o seu ídolo?

- (A) Os amigos dos pais do narrador terem opiniões diferentes sobre o resultado do jogo.
- (B) Os New York Giants terem ganhado o jogo e Willie Mays ter-se atrasado nos balneários.
- (C) Já ser de noite quando Willie Mays abandonou o Polo Grounds, vestido com roupa normal.
- (D) Ser muito tarde e a porta de saída disponível ser junto aos balneários dos jogadores.

13. Seleciona a opção correta. O título do texto sugere

- (A) as dúvidas sobre a finalidade da escrita.
- (B) o grande desejo de conseguir um autógrafo.
- (C) a motivação e a disponibilidade para escrever.
- (D) o desânimo do jovem pelo autógrafo perdido.

14. Seleciona a opção correta. Em conjunto no texto, as expressões «Conseguí manter as pernas a andar na sua direção» e «obriguei as palavras a sair» (4.º parágrafo) transmitem a ideia de

- (A) determinação, nervosismo e timidez do jovem.
- (B) deslumbramento, nervosismo e timidez do jovem.
- (C) entusiasmo, nervosismo e muita coragem do jovem.
- (D) gratificação, entusiasmo e determinação do jovem.

15. Selecciona a opção correta. O que levou o jovem a não tratar Willie Mays pelo seu primeiro nome?

- (A) O facto de o jovem querer mostrar que era bem-educado.
- (B) O facto de, nesse tempo, Willie Mays já ter vinte e quatro anos.
- (C) O facto de o jogador não parar quieto, aos saltinhos, enquanto falava.
- (D) O facto de ser muito grande a admiração do jovem pelo seu ídolo.

16. Selecciona a opção correta. A reação de Willie Mays ao pedido de autógrafo é descrita como «brusca, mas cordial». Substitui a expressão «brusca, mas cordial» por outra com o mesmo significado.

- (A) irritada, portanto generosa
- (B) áspera e também afetuosa
- (C) desagradável, por isso gentil
- (D) repentina, contudo simpática

17. Selecciona a opção correta. O que determinou que Willie Mays não tivesse dado um autógrafo ao jovem?

- (A) Quererem sair todos muito rapidamente.
- (B) Ser bastante tarde e não haver luz no estádio.
- (C) Não encontrarem nada com que escrever.
- (D) Não ser permitido dar autógrafos no estádio.

18. Selecciona a opção correta. Qual a opção que melhor expressa os sentimentos do narrador ao regressar a casa, após o jogo de basebol?

- (A) Deceção por não ter conseguido o autógrafo e irritação por não conseguir controlar as lágrimas.
- (B) Desânimo por ter desiludido o seu ídolo e irritação por não ter consigo nenhum lápis.
- (C) Satisfação por ter estado perto do seu ídolo e irritação por não conseguir controlar as lágrimas.
- (D) Satisfação pelo desempenho da sua equipa e frustração por não ter conseguido o autógrafo.

19. Selecciona a opção correta. Identifica a frase que melhor expressa a lição aprendida pelo narrador.

- (A) Gostar de basebol pode fazer de qualquer pessoa um bom escritor.
- (B) Ter um lápis no bolso era a garantia de que nunca perderia um autógrafo.
- (C) Ter um lápis sempre à mão pode garantir nunca desiludir um ídolo.
- (D) Estar sempre preparado para não perder a oportunidade de usar a escrita.

Lê o texto:

Biografia de Paul Auster



Paul Auster nasceu a 3 de fevereiro de 1947 em Newark, nos Estados Unidos da América. Depois de terminar, em 1970, o curso superior na Universidade de Columbia, foi viver para França. Durante os quatro anos em que aí permaneceu, traduziu obras de conhecidos escritores franceses do século XX e começou a publicar os seus textos em jornais americanos. Ganhou renome quando publicou *Trilogia de Nova Iorque*, um livro que reúne uma série muito invulgar de histórias de detetives. O seu gosto pela tradução é muitas vezes referido pelo próprio, que aconselha os jovens escritores a traduzirem poesia para entenderem melhor o significado das palavras.

Paul Auster também se dedicou ao cinema e, em 1998, realizou o seu primeiro filme, com argumento escrito por ele próprio. Em 2006, rodou outro filme, *A Vida Interior de Martin Frost*, produzido por Paulo Branco. Paralelamente à carreira de escritor, entre 1986 e 1990, ensinou escrita criativa na Universidade de Princetown, em Nova Iorque.

Atualmente vive em Brooklyn, Nova Iorque, com a sua mulher, a escritora e crítica de arte Siri Hustvedt. Paul Auster tem dois filhos: Daniel (filho do primeiro casamento com a também escritora e tradutora norte-americana Lydia Davis) e Sophie Auster, cantora e atriz de cinema, filha do segundo casamento.

Nos seus livros é evidente a influência do cinema norte-americano e as suas histórias desenrolam-se numa sucessão que fazem lembrar os filmes de ação. O escritor usa também o método da «caixa chinesa», que é uma sucessão de histórias no interior umas das outras. A sua obra parece ser mais apreciada na Europa do que no seu país natal.

Paul Auster é escritor, argumentista, tradutor, ensaísta, realizador, marinheiro, inventor de um curioso jogo de cartas relacionado com o baseball e muito mais. É considerado um nome cimeiro da literatura dos nossos dias. A sua obra encontra-se traduzida em mais de quarenta línguas.

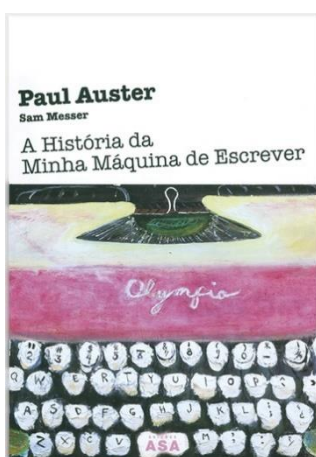
<https://www.wook.pt/autor/paul-auster/19587> (consultado em 07/02/19).

Histórias de Detetives



Tipo de literatura popular no qual um crime é introduzido e investigado, sendo o culpado revelado. Os elementos tradicionais das histórias de detetives são: (1) o crime aparentemente perfeito; (2) a pessoa injustamente suspeita e para a qual apontam pistas circunstanciais; (3) as ações incompetentes de um corpo policial não muito inteligente; (4) o maior poder de observação e a mente superior do detetive; e (5) o inesperado e surpreendente desfecho, em que o detetive revela como a identidade do culpado foi descoberta. As histórias de detetives constroem-se frequentemente com base no princípio de que provas superficialmente convincentes são, em última análise, irrelevantes.

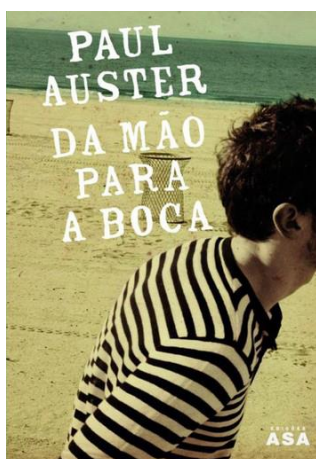
<https://www.britannica.com/biography/Paul-Auster>
(consultado em 07/02/19).



Sinopse de *A História da Minha Máquina de Escrever*

A História da Minha Máquina de Escrever é um tributo à relação — intensa e muitas vezes determinante — entre um escritor e a sua máquina de escrever. Ao longo de 30 anos, a velha máquina Olympia de Paul Auster foi a corrente de transmissão dos romances, contos e textos de um dos mais emblemáticos escritores norte-americanos.

<https://www.wook.pt/livro/a-historia-da-minha-maquina-de-escrever-paul-auster/183827> (consultado em 07/02/19).



Sinopse de *Da Mão Para a Boca*

A narrativa autobiográfica que compõe este volume conta-nos a história do jovem escritor Paul Auster. Num tom profundamente intimista e revelador, o autor abre-nos a porta para os anos da sua entrada na literatura e na vida, quando o que a mão escrevia servia para alimentar a boca. O relato comovente e divertido dessa época é assim, também, uma lúcida reflexão sobre o dinheiro e sobre o que significa não o ter. Dinheiro era o que Auster pretendia ao escrever, na época, textos tão diversos como peças de teatro, romances policiais e, até, ao inventar um jogo de cartas baseado no basebol.

<https://www.wook.pt/livro/da-mao-para-a-boca-paul-auster/1459731>
(consultado em 07/02/19).

20. Assinala como verdadeira (V) ou falsa (F) cada uma das afirmações.

- Quando andava na universidade, Paul Auster traduziu obras de escritores franceses.
- As primeiras obras de Paul Auster foram publicadas num livro intitulado *Trilogia de Nova Iorque*.
- Paul Auster aconselha muitas vezes os jovens escritores a lerem poesia para aprenderem o significado de mais palavras.
- Um dos filmes realizados por Paul Auster foi produzido por Paulo Branco.
- O escritor deu aulas de escrita criativa durante quatro anos na cidade onde vive atualmente.
- O segundo casamento de Paul Auster foi com a escritora Siri Hustvedt, mãe da única filha do escritor.
- Apesar de também ser realizador, a obra literária de Paul Auster não parece influenciada pelo cinema.

21. Seleciona a opção correta. No 1.º parágrafo da biografia de Paul Auster, «aí» refere-se a

- (A) «França»
- (B) «Estados Unidos da América».
- (C) «Newark».
- (D) «Universidade de Columbia».

22. Seleciona a opção correta. A biografia de Paul Auster mostra que o escritor

- (A) aprecia escrever histórias policiais invulgares.
- (B) residiu em três países diferentes.
- (C) dedica todo o seu tempo livre à escrita.
- (D) traduziu as suas obras para diversas línguas.

23. Seleciona a opção correta. De acordo com o texto «Histórias de Detetives» o talento de um autor de histórias policiais revela-se, quando ele consegue

- (A) espalhar pelo livro muitas hipóteses de solução do crime, umas descobertas pela polícia outras pelo detetive.
- (B) criar uma rede complexa de suspeitos, através de pistas consideradas irrelevantes pela polícia e pelo detetive.
- (C) desviar, quase até ao fim, a atenção dos leitores do criminoso e mostrar as capacidades excecionais do detetive.
- (D) apresentar álibis para todos os suspeitos, confundindo os polícias que investigam o caso, mas não os leitores.

24. Seleciona a opção correta. A história do encontro com o ídolo do basebol, que leste no texto «Porquê escrever?», e a sinopse de *A História da Minha Máquina de Escrever* ensinam-nos que Paul Auster

- (A) anda com um lápis no bolso, mas usa a máquina para escrever os livros.
- (B) tem uma velha máquina de escrever, que pouco utiliza por preferir o lápis.
- (C) deixou de andar com um lápis no bolso e passou a escrever à máquina.
- (D) deixou de colecionar lápis e só escreve em máquinas da marca Olympia.

25. Selecciona a opção correta. O título *Da Mão Para a Boca* sugere a relação entre

- (A) o gosto pela arte da caligrafia e o gosto pela conversação.
- (B) o ato de escrever e a necessidade de falar sobre a nossa vida.
- (C) o gosto pela arte da caligrafia e o gosto pela arte da culinária.
- (D) o ato de escrever e a necessidade de ganhar dinheiro para viver.

26. Selecciona a opção correta. Na sinopse do livro *Da Mão Para a Boca* confirma-se um pormenor referido

- (A) no quarto parágrafo da biografia.
- (B) no segundo parágrafo da biografia.
- (C) no quinto parágrafo da biografia.
- (D) no terceiro parágrafo da biografia.

Soluções do teste

1.

Espaço 1 – em 1565

Espaço 2 – adaptável

Espaço 3 – é imune à altitude e à profundidade

Espaço 4 – no traçado de esboços

Espaço 5 – o lápis era já então muito utilizado

2. V; F; F; V; F; V; F

3. (D)

4. (C)

5. (D)

6. (B)

7. (D)

8. (D)

9. (C)

10. (A)

11. (C)

12. (D)

13. (C)

14. (A)

15. (D)

16. (D)

17. (C)

18. (A)

19. (D)

20. F; F; F; V; V; V; F

21. (A)

22. (A)

23. (C)

24. (A)

25. (D)

26. (C)